

“NÃO COLOCAR TODOS OS OVOS NO MESMO CESTO...” DA BIODIVERSIDADE A NÍVEL BIOLÓGICO AO CONCEITO DE MESTIÇAGEM EM MICHEL SERRES.

*Carmina Flores de Moura
Universidade do Minho*

A mestiçagem

Esta comunicação procura fazer uma analogia entre o conceito de mestiçagem em Michel Serres e o conceito de biodiversidade entendida no sentido biológico e ecológico.

O conceito de mestiçagem é entendido, no âmbito desta comunicação, numa dimensão filosófica, ética, estética e antropológica, quer seja ao nível da diversidade e pluralidade dos saberes, quer seja ao nível dos modelos estéticos e éticos, quer ainda ao nível da pluralidade do modo de ser humano.

Assim, vejamos em que consiste a mestiçagem na óptica do próprio Michel Serres.

Michel Serres, inspirado na tradição teatral, propõe-nos uma “*cultura de mosaico*”, à maneira do “*manto de Arlequim*”, uma cultura constituída por todo um conjunto diversificado de saberes que se estruturam em forma de mosaico, idêntico ao manto de Arlequim que se apresenta feito de remendos como é do nosso conhecimento. A obra, *Terceiro Instruído*, começa com a história de Arlequim, imperador da Lua, que, após ter feito uma longa viagem, chega à conclusão que, nessa viagem, não encontrou nada de novo. Por isso, o próprio Arlequim diz: “em toda a parte tudo é como aqui”, Serres, 1991.¹ Esta consideração de não haver nada de novo, entra em contradição com a constituição do seu casaco que é feito de remendos, em que nenhum é igual ao outro. Esta constituição do casaco simboliza um modelo de variedade, de diferenciação, de complexidade e até de imprevisibilidade. A representação dramática de Arlequim continua e, de cada vez que este retira uma camada de roupa, surge uma outra camada também em mosaico e, sob essa, uma outra e assim sucessivamente, até chegar à própria pele, que também é ela própria matizada, mestiçada, zebra e constituída pela mistura. No fim de contas, não há modo de escapar à mestiçagem.

No sentido de aprofundar um pouco mais a mestiçagem e, tomando como referência as palavras de Arlequim, poderemos considerar que coexiste assim a previsibilidade - quando se

afirma que não existe nada de novo - com a imprevisibilidade, em que tudo é diferente, tal como os remendos do seu manto. Dito de outro modo, se, por um lado, vigora a previsão e o determinismo, tal como parece acontecer numa concepção tradicional da ciência, por outro há também a imprevisibilidade que é, para Michel Serres, o espaço privilegiado para a invenção. O modelo de Arlequim seria, assim, um modelo caótico, na medida em que permite associar a previsibilidade com a imprevisibilidade, por outras palavras, a identidade e a diferença.

Ainda a propósito da questão da coexistência da previsibilidade e do caos, Maria Assad (cf. Assad, 1994: 73/86) considera que Arlequim é um modelo vivo de um sistema complexo de natureza caótica uma vez que o seu comportamento manifesta aspectos de ordem e de caos. Ordem, quando afirma, como já é do nosso conhecimento, que em todo o lado, tudo é como aqui; e desordem quando se verifica que nenhum remendo do seu manto é igual a um outro. No processo contínuo em que ele vai despindo as vestes, ele não se fixa em nenhum ponto, o que nos permite afirmar que: “não pode ser definido em moldes binários, é andrógino, homem e mulher, humano e animal, imperador e escravo, nem novo nem velho mas os dois simultaneamente, é monstro sem fim, multiplicidades imprevisíveis”, Assad, 1994:75/76. Deste modo, Arlequim seria a complexidade em pessoa e não estaria sujeito a uma análise linear mas antes a uma complexidade onde coexiste a ordem e a desordem, próprias da teoria do caos. Neste sentido, Arlequim é uma excelente mistura, é uno e múltiplo, é um ser mestiço, híbrido, hermafrodita, ambidestro, carne e sangue. A sua natureza, assente na mistura, é extremamente rica porque se caracteriza pela variedade e contém um conjunto de potencialidades e elementos que fazem dessa mistura uma espécie de caldo nutritivo, uma sopa de mistura.

Para conhecer uma natureza caracterizada pela mistura, nada melhor que, segundo o autor, um conhecimento também ele mesmo mistura, no sentido em que somos obrigados a recorrer à arte, encaminhando-nos assim para além da ciência. Assim, a ciência permite-nos conhecer o sangue, mas não a carne que é, por natureza, mistura. Para o conhecimento da carne, a arte seria a mais adequada porque ela é, na essência, mistura. Quer dizer, a ciência permite-nos o conhecimento do verdadeiro, daquilo que pode efectivamente ser encarado como verdade, mas não nos permite apreciar a mistura. Pelo contrário, a arte é que nos permite essa apreciação da mistura. Neste sentido, não podemos separar, na óptica do autor, a ciência da arte, dito de outro modo, a verdade da beleza e o facto do valor. O conhecimento processa-se assim pela arte e pela ciência.

Adequado a uma natureza e um conhecimento mestiços, ergue-se um saber também *mestiço* que mistura o saber rigoroso das ciências com o do “*legislador dos tempos heróicos*”, isto é, um saber em que se unem não só os factos e os juízos de valor, mas também o passado e o presente, em que se alia o saber experimental e o saber social. Por isso, o *terceiro instruído* deriva, segundo Michel Serres, não só da razão, da ciência, mas também das culturas, dos mitos, das narrativas, das religiões, dos contos e dos contratos. Esta mistura e heterogeneidade do saber, inclui e valoriza não só a ciência, mas também o elemento narrativo,

mítico, valorativo. A partir da bomba de Hiroshima, *o barulho de Hiroshima*,² como o designava Michel Serres, pode pôr-se em causa o optimismo cientista e reforça-se o problema da importância dos valores na ciência.

De acordo com o pensamento de Michel Serres, os acontecimentos de Hiroshima colocam-nos perante a fragilidade e as contradições da ciência, no sentido em que não podemos encarar a vida e as coisas apenas em termos dos valores lógicos como o da verdade e do conhecimento, mas devemos encará-las também em termos de valores éticos, estéticos e políticos. Isto significa que a ciência não esgota todo o espaço da humanidade, sobretudo quando falamos da vida e do sofrimento. As humanidades, em especial a filosofia, ocupam assim um espaço extremamente pertinente e insubstituível.

Em suma, há uma correspondência entre um ser mestiço, um conhecimento mestiço e um saber mestiço. A um saber assente na mestiçagem, devemos acrescentar uma estética e ética também mestiças.

Na mesma linha de pensamento, podemos colocar o problema da mestiçagem ao nível estético. Deste modo, podemos considerar que, a nível estético, estamos perante a policromia, ou antes a *pancromia*,³ a diversidade, a heterogeneidade em oposição à monotonia do monocromatismo, ainda que sábia e harmoniosamente estipulado. A mistura é bela, assenta na beleza da diferença, da policromia e da dissonância. A monocultura, a nível biológico, não será um bom exemplo de uma fastidiosa monotonia estética?

No sentido de valorizar a diversidade estética, o próprio Michel Serres (cf. 1990:46) considera que: [nós, seres humanos]: “encobrimos ou apagamos a beleza do mundo e reduzimos a proliferação luxuosa das suas multiplicidades à unicidade desértica e solar das nossas leis”⁴. Quer dizer, a biodiversidade e a conseqüente beleza do mundo pode ficar restringida pela nossa actuação. Quando tal acontece, o mundo fica reduzido muitas vezes a meros campos de imundice e de sentidos únicos, a começar pelo próprio conhecimento.

A mestiçagem também assume uma feição ética na medida em que os valores, em especial o da prudência e da responsabilidade, acompanham o juízo lógico, não deixando esta capacidade valorativa de ser fundamental na formação do ser humano. Para esclarecer um pouco este aspecto, Michel Serres (cf. 1990:148) considera, no *Contrato Natural*, que há dois princípios na educação: um que é positivo que é a instrução e forma a razão enérgica e outro negativo que é a educação e forma o juízo prudente. Prudência e razão constituem os ingredientes básicos para a educação do ser humano. Pela prudência tomamos consciência da nossa finitude, poderemos colocar limites aos nossos desejos e ambições desmedidos, sem todavia deixar de ter presente, pela razão, a nossa inclinação para a infinitude que nos orienta para a experiência humana integral, para a experiência estética e para a vontade infinita de aprender. Por outras palavras, a educação orienta-nos para que sejamos um ser prudente, enquanto a instrução da razão nos lança num infinito devir. (cf. Serres, 1990:146/148). A educação situar-

-se-ia, assim, na óptica do autor na tensão entre o pólo da finitude e o da infinitude, ou seja o da consciência dos nossos limites e o da projecção para uma infinitude.

Deste modo, a educação situa-se nesta mistura, mestiçagem entre razão e valores.

Em suma, a mestiçagem é um conceito que assenta na mistura e pode expressar-se como sendo o grau máximo da tolerância, uma vez que sob a sua capa poderá albergar-se toda uma diversidade e pluralidade de saberes, de culturas, de raças, de ideias, de valores, de paisagens. Esta mistura permite a conjugação da previsibilidade com a imprevisibilidade.

No sentido de aprofundar e concretizar o conceito de mestiçagem em Michel Serres, direi ainda que ela diz respeito a um projecto antropológico. A expressão *terceiro instruído*, surge como o pólo aglutinador desse projecto, da formação desejável e adequada aos princípios que o autor preconiza como fundamentais e actuais: ao nível das relações humanas, a consideração real e efectiva do mundo físico, da natureza, ao nível da articulação do local com o global, das letras e das ciências, do facto com o valor. Enfim, um ser misturado e que aglutina em torno de si um saber também misturado. Este título é significativo porque consiste na reabilitação do terceiro elemento que, em termos de lógica clássica, estava excluído. O meio termo, o terceiro, era na lógica clássica pura e simplesmente inexistente. Michel Serres reabilita esse terceiro elemento que, de excluído, passa não só a ser incluído, mas mais do que isso, passa a *instruído*, no dizer de Michel Serres. Deste modo, será o sábio dos nossos tempos, o ser humano adequado e sintonizado com o mundo que queremos construir, um mundo multicultural e multiracial, onde a mistura e a contratualidade adquirem, por isso mesmo, um lugar relevante. Assim como há expressões onde o terceiro tem um papel importante, tais como o *terceiro estado*, o *terceiro mundo*, a *terceira filosofia*, assim na educação, o terceiro surge como a pessoa fundamental para o saber. O próprio Michel Serres (cf. 1991: 29) considera que “o terceiro sou eu sem ser eu” porque resulta da exposição e esta exposição é fundamental na aprendizagem, onde o que conta não é o pôr ou opor-se, mas expor-se, uma exposição em todos os sentidos. O terceiro é essa terceira pessoa que nasce em cada um, devido à exposição aos outros, é o ser humano educado. Por isso, o jogo pedagógico não se faz a dois elementos mas a três. O terceiro elemento é fundamental, é o que emerge na relação pedagógica. No sentido de explicar a importância do terceiro, Assad (cf. 1994:79) considera que, no *Terceiro Instruído*, há três tropos⁵ fundamentais que a seguir referiremos.

O primeiro tropo consiste em tornar-se vários.⁶ O canhoto que é encaminhado para utilizar a mão direita é disso um bom exemplo porque é obrigado a utilizar também a mão direita e nesse sentido a tornar-se outro. A experiência pessoal do autor nesta matéria é invocada no *Terceiro Instruído*, quando recorda, com simpatia, o professor que o “obrigou” a ser ambidestro. A experiência foi positiva porque o obrigou a tornar-se num outro, isto é, contrariando a tendência canhota, tornou-se num ser mais completo. Por isso, o próprio Michel Serres considera: “obrigado, em primeiro lugar àquele que me formou na plenitude e na saturação próprias de um corpo completo. Nada faz mais sentido que mudar de sentido. Assim, recordo

por imagens essa mutação”, Serres, 1991:237. Este primeiro tropo propõe-nos a alteridade, a colocação no lugar do outro, por outras palavras, adoptar outros pontos de vista que nos tornam mais tolerantes e, por isso mesmo, mais completos.

O segundo tropo consiste em desafiar o mundo exterior⁸ que é simbolizado pelo nadador que atravessa um rio. A travessia do rio, a entrega à dependência da margem, acaba por propiciar a aprendizagem. O rio seria, assim, um espaço de mediação significativo no qual a aprendizagem se desenrola. No que diz respeito à aprendizagem, cada um deverá fazer o seu próprio percurso, isto é, o próprio é que deverá ele mesmo a fazer a travessia sem poder endossá-la a quem quer que seja.

Por último, o terceiro tropo consiste em ir em todas as direcções⁹ que é simbolizado pelo guarda-redes que pode ir em várias direcções, quando desempenha a sua tarefa. Pode lançar-se em todas as direcções, bifurcar quer dizer enveredar por um atalho que pode conduzir a um lugar ou a outro.

Deste modo, nunca se toma facilmente uma rota, de preferência deve atravessar-se um rio a nado (cf Serres, 1991:28/29). No fim de contas, não há um único caminho, bem pelo contrário, poderá haver vários. Mais uma vez se reforça a pluralidade e multiplicidade de caminhos. A coexistência desta pluralidade é um sinal de tolerância.

No fim de contas, estamos perante um modelo mestiço de saber, e de ser humano também mestiço, alheio a qualquer perspectiva de soluções únicas, sejam elas de que tipo forem, enfim um ser tolerante e aberto à máxima tolerância. Neste sentido, Michel Serres considera que na educação é preciso misturar, mestiçar, aliar a tradição à invenção, a previsibilidade à imprevisibilidade, as ciências às letras, o facto ao valor, as culturas à sua efectiva diversidade. Esta mestiçagem do saber constitui um sólido fundamento para um ser humano, ele mesmo também mestiço na sua formação e saber, *o terceiro instruído*, avesso a soluções únicas, quer sejam de natureza política, religiosa ou científica.

Nas próximas páginas, iremos referir-nos à biodiversidade, no sentido de compreendermos em que medida é que há analogia entre o conceito de biodiversidade e o de mestiçagem.

Analogia entre mestiçagem e a biodiversidade

Este conceito de mestiçagem, no sentido de coexistência da diversidade e da ordem, assenta no conceito ecológico de biodiversidade, que por sua vez tem correspondência na tão conhecida máxima popular: “*não colocar todos os ovos no mesmo cesto.*” Esta máxima significa, em termos práticos, que se deve permitir que a diversidade exista, a diversidade de locais, de espaços, de culturas, de ideias e de modelos. Um só modelo é extremamente empobrecedor porque será sempre mais vulnerável a um qualquer imprevisto ou incidente de percurso, bem como tendencialmente autoritário. Intuitivamente, o povo entende que a existência da variedade é mais promissora de liberdade, de riqueza de soluções que a ausência da mesma.

Procura-se não cair numa ideologia de novo cariz, o ecologismo, porque, como é do nosso conhecimento, a inspiração biológica de certos modelos sociais poderá conduzir-nos a situações, que não são propriamente as mais justas, as mais racionais e as mais humanas, mas antes à lei do mais forte fisicamente com todo o belicismo e agressividade que tal concepção acarreta. Procura-se antes ver a analogia dos conceitos em termos da sua riqueza e fecundidade e não em termos de transposições mecânicas e reducionistas.

Explicitemos um pouco a noção de biodiversidade.

Neste sentido, iremos proceder à aproximação do conceito em termos ecológicos. Tendo como pano de fundo o carácter relacional da ecologia, podemos associar e relacionar o conceito de biodiversidade não só com o de processualidade, mas também com o de globalidade. Nesse sentido, vejamos (cf. Ost,1993:93) o que pode entender-se por processualidade: “as inumeráveis trocas físicas, químicas, energéticas e biológicas que se estabelecem no seio dos ecossistemas e entre eles, com vista à manutenção da sua integridade, da sua diversidade e do seu potencial evolutivo”. Deste modo, ao valorizar-se as trocas recíprocas entre os seres vivos e o meio, estamos a movimentar-nos num campo mais vasto e mais complexo que a simples ideia de globalidade e estaremos a considerar a biodiversidade. Quer dizer, o conceito de biodiversidade resulta do conceito de processualidade e de globalidade no sentido em que tudo se relaciona e há inúmeras trocas entre os vários elementos. Reduzindo os elementos, estaremos a reduzir essa possibilidade de trocas e, conseqüentemente estaremos a reduzir as potencialidades da própria vida e contribuiremos para um empobrecimento geral, aos mais variados níveis desde o biológico, ao estético, ao ético, ao óntico.

O que podemos então entender por biodiversidade? Segundo o professor Jorge Paiva (cf.1996:21), podemos entendê-la como sendo a diversidade de todos os seres vivos, sejam eles vegetais, animais, fungos, microorganismos e os ecossistemas de que fazem parte. A biodiversidade compreende a variabilidade de genes, espécies e ecossistemas. No que respeita à variabilidade dos genes, podemos considerá-la como o património genético e que constitui a variabilidade de genes no seio de uma espécie; no que respeita à segunda, à variabilidade das espécies, poderemos considerar a variedade de organismos vivos na biosfera (calcula-se que haja entre 5 a 10 milhões, dos quais apenas se conhecem 2 milhões de animais e 0,5 milhões de plantas, fungos e microorganismos). Este património é específico ou taxonómico. Finalmente, no que respeita à variabilidade dos ecossistemas, há ainda o património ecológico que é constituído pela diversidade dos ecossistemas que existem na biosfera. Quer dizer, a biodiversidade inclui o património genético, específico e ecológico. Parte-se da variabilidade no interior de uma espécie, até à variabilidade entre as espécies e entre os ecossistemas. Escusado será dizer que esta biodiversidade está cada vez mais ameaçada e comprometida, especialmente pela acção humana. Nesse sentido, cada vez mais a biodiversidade é substituída pela monocultura uniformizante de cereais, erva e gado e, por que não, de ideias e saberes estandardizados? Procuram-se cada vez mais as espécies apuradas pela engenharia genética e as ideias massificadas. A propósito da monocultura, Michel Serres¹⁰ considera que

a monocultura florestal, por exemplo, é um desafio à vida e constitui a promoção do inerte, por conseguinte, a invasão do lugar por uma só forma de vida acaba por matá-la. Para só dar alguns exemplos (cf. Deléage, 1993:228), em França, os milhos cultivados a Norte do Loire são todos provenientes de INRA 258; na Grécia desapareceram 95% das variedades do trigo tradicionalmente cultivadas; em todo o Sueste asiático a variedade de arroz IR-36 ocupa 60% dos arrozais. E, ainda segundo o mesmo autor, apenas 29 espécies de plantas, fornecem mais de 90% dos alimentos consumidos no mundo e 75% dos cereais cultivados são o trigo, o arroz e a soja.

Daqui poderemos concluir que as reservas são limitadas e as alternativas ao nível da existência básica estão reduzidas. Por isso, em caso de catástrofe, os riscos desta redução da biodiversidade seriam amplificadas e, por isso mesmo, as consequências seriam muito graves. Mais grave que a escassez de reservas, seria a inexistência das hipóteses alternativas que só a biodiversidade contempla. Não havendo variedade suficiente, praticamente tudo seria dizimado em simultâneo, sem hipótese de recursos alternativos.

Pelo que acima fica dito, o conceito de biodiversidade é um conceito central e fundamental a nível ecológico. A variedade é não só riqueza, como é absolutamente vital, é não só desejável, mas também portadora de maior beleza e riqueza ôntica. Por sua vez, o conceito de mestiçagem seria o seu homólogo a um nível cultural. Quer dizer, a mestiçagem seria a expressão da diversidade, não a nível meramente biológico ou ecológico, mas a nível do pensamento, das ideias, das culturas, das raças, isto é, seria a expressão máxima da tolerância, tolerância ao nível do saber, da vida, da educação e da cultura, a expressão da variabilidade desejável e imprescindível de ideias, de soluções, de propostas e de saberes. Este aspecto é, nos nossos dias, tanto mais importante, quanto assistimos a um desenvolvimento contraditório que consiste, por um lado no desenvolvimento do sentido planetário da vida e da existência, veiculado pela informação, muitas vezes aniquilador das especificidades locais, e, por outro ao ressurgimento de certos regionalismos e localismos limitados, estreitos, que muitas vezes enfermam de grande dose de intolerância para com as diferenças. Neste sentido, a tolerância será precisamente o respeito e compreensão das pluralidades aos mais variados níveis. A educação, assente na mestiçagem, respeitadora da diversidade aos mais variados níveis, seja cultural, biológico ou filosófico, permite a emergência e a afirmação de um ser humano também mestiço, condimentado na mistura de ideias, de valores, de saberes, de competências, enfim um ser humano aberto e tolerante.

Notas

- 1- "Tout est partout comme ici."
- 2- Esta expressão é de Michel Serres.
- 3- Pancromia é um termo utilizado por Michel Serres.

4- "nous recouvrons ou effaçons la beauté du monde et réduisons la prolifération luxueuse de ses multiplicités à l'unicité désertique et solaire de nos seules lois".

5- Tropo consiste no emprego de uma palavra em sentido figurado; metáfora.

6- "devenir plusieurs".

7- "Merci donc premièrement à celui qui m'a formé à la plénitude et la saturation propres à un corps complet. Rien ne donne plus de sens que de changer de sens. Je raconte par images le souvenir de la mutation."

8- "braver l'extérieur".

9- "bifurquer ailleurs".

10- Michel Serres assina a introdução ao livro da autoria de DROUIN, Jean Marc (1993) *L'écologie et son histoire: Réinventer la nature*. Champs Flammarion.

Bibliografia

ASSAD, Maria L.(1994), The Language of the Strange Attractor and the Strange Language of Michel Serres. In BRADY, Patrick, *Chaos in the Humanities*. Tennessee: New Paradigm Press.

DELÉAGE, Jean Paul (1991), *Histoire de l'Écologie, une science de l'homme et de la nature*. Paris:Éditions La Découverte.[Ed.utiliz: *História da Ecologia: Uma ciência do homem e da natureza*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1993.Tradução de Teresa Novais].

OST, François (1995), *La nature Hors la loi: l'ecologie à l'épreuve du droit*. Paris: Éditions La découverte.

SERRES, Michel (1990), *Le Contrat Naturel*. Paris: Éditions François Bourin.[Ed. util. Flammarion, 1992] ;[Ed. consultada: O Contrato Natural. Lisboa: Ed. Instituto Piaget,1994].

SERRES, Michel (1991), *Le Thiers- instruit*. Paris: François Bourin. [Também consultada: *O Terceiro Instruído*. Lisboa: Ed. Instituto Piaget,1993].

SERRES, Michel (1992), *Eclaircissements: cinq entretiens avec Bruno Latour*. Paris: Ed. François Bourin. [Ed. Util. Flammarion, 1994].

PAIVA, Jorge (1996), O Património biológico, *Vértice*, 74, Out/Nov. pp. 20 - 26.